DE *CABEÇA ABERTA* PARA A EDUCAÇÃO

Para Heloísa Dupas Penteado, a Educação precisa ser repensada para atender às necessidades contemporâneas

Heloísa Dupas Penteado é uma educadora no sentido amplo do termo. Profissional da educação, dedicou-se longo período a ensinar crianças no chamado curso primário, nas escolas de fazenda; ensinou, depois, a jovens, no Interior e na Cidade. E, devido à sua inquietação frente à curiosidade fresca e ingênua das crianças e dos jovens, pôs-se a indagar sobre os métodos de ensinar. Foi essa qualidade de perguntadora que a levou a dedicar-se à pesquisa sobre as maneiras de ensinar e à formação de professores. Com o mestrado e o doutorado chegou à Faculdade de Educação da USP, instituição que abrigou suas inquietações e lhe proporcionou o convívio de colegas que com ela compatilharam as preocupações sobre as novas linguagens dos meios de comunicação que circulam na sociedade e a insensibilidade da instituição educacional em relação a elas. Como uma das precursoras dos temas sobre comunicação/educação tem através de artigos, livros e conferências manifestado seu pensamento sobre o tema, veja-se sua mais recente publicação, Comunicação escolar, uma metodologia de ensino. *Recebeu o prêmio* Mariazinha Fusari de Educomunicação, *em agosto de 2002, no VI Simpósio Brasileiro de Comunicação & Educação, realizado em Ponta Grossa, PR. Declara-se preocupada com os rumos da escola e da formação de professores, mas estimulada e incansável diante de jovens numa sala de aula.*

Por **Roseli Fígaro**

Revista Comunicação & Educação: *Fale sobre sua formação e seu interesse pela preparação de professores.*

Heloísa Dupas Penteado: Sou do tempo do curso normal. Fiz o curso normal, fiz clássico, e comecei a lecionar em fazendas. Daí vim para São Paulo e fiz vestibular para o curso de Ciências

Sociais. Quando terminei, em 1962, voltei para a fazenda para dar aulas, no primário. Essa passagem da minha vida profissional é muito interessante, foi muito formativa, porque voltei tendo de reaprender a falar com as crianças. E isso para mim foi muito bom. Depois fui trabalhar na Escola Normal, nas cidades de Monte Alto e de Taquaritinga, dali vim para São Paulo para ver se conseguia alguma oportunidade de trabalho. Encontrei uma amiga que fazia pesquisa, no Serviço do Ensino Vocacional. Ela me propôs substituí-la no trabalho com pesquisa. Aceitei e fiquei um tempo trabalhando, até eclodir o golpe de Estado, a chamada Revolução de 64; aí a situação ficou muito complicada. Nesse mesmo tempo abriu concurso para professor na Escola Experimental da Lapa. Gosto de pesquisa, mas gosto muito de ser professora também. Fui aprovada neste concurso e fiquei atuando como professora de ginásio. Fiquei seis ou sete anos. Depois fui convidada para trabalhar na Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo e para fazer orientação de professores de Estudos Sociais, coisa aliás, que já estava fazendo na Escola Experimental. Nesse meio tempo, fui chamada para dar aulas no curso de formação de professores de Ciências Sociais na Faculdade de Educação. Quando entrei para dar aulas na Faculdade de Educação, a Profa. Amélia Americano Franco Domingos de Castro era a chefe do Departamento. Fui convidada porque estava fazendo mestrado com a Dra. Aparecida Joly Gouveia e ela me indicou. Fiz mestrado em Sociologia Educacional na FFLCH e o doutorado em Didática, na Faculdade de Educação. Depois fiz o pós-doutorado, também sobre tema formação de professores, com a professora Menga Ludke, da PUC do Rio de Janeiro. Eu havia conhecido os trabalhos da Profa. Menga no Centro Regional de Pesquisas Educacionais, que funcionava, na década de 60, onde hoje é a Faculdade de Educação da USP.

Professora Heloísa Dupas Penteado

Sempre gostei de ser professora e dediquei a minha vida a isso. Desde que comecei, chamava muito a minha atenção a questão da televisão. Na escola da fazenda, na década de 50, era interessante porque as crianças não tinham televisão e nunca tinham saído daquele lugar, então elas ouviam falar do mar, arranha-céus e faziam perguntas. Como era viver em uma casa em cima da outra?, como era o mar? Elas só conheciam o açude que havia na fazenda. Mas quando fui dar aula no curso Normal numa cidadezinha ali perto, já havia influência da televisão nas coisas que os alunos falavam. Quando vim para São Paulo, dar aulas na Escola Experimental da Lapa, foi uma coisa inte-

ressantíssima. Os meninos perguntavam assim: "professora, a senhora viu o programa *tal* ontem na televisão?" Comecei a notar que o que eles viam na televisão estava legitimado, era verdade absoluta, interessava muito. Naquele tempo, havia uma novela, nem me lembro mais o nome, era sobre escravidão, e então tive a idéia de trabalhar alguma coisa daquilo com as crianças, usando aqueles comentários que elas faziam. Resolvi depois fazer o meu mestrado sobre essa questão: a televisão e os adolescentes. Fiz uma pesquisa com os alunos e professores da Escola Experimental da Lapa e também com os alunos e professores de uma escola comum da rede de ensino. Meu objetivo era o de verificar como cada um percebia a interferência da televisão em sua vida. A pesquisa também foi realizada com os pais. Foi uma pesquisa bem ampla e foi publicada na Revista *Estudos e Documentos*, da FEUSP, em 1983. E foi muito interessante, porque na Escola Experimental, onde tínhamos professores com pós-graduação, ou fazendo, e professores oriundos de cursos da PUC ou da USP, escolas, portanto, bem qualificadas, ninguém usava a televisão no trabalho em sala de aula. A sensação que tinha era de que se eles usassem *sujariam as suas mãos*. Ou qualquer coisa assim. Mas a criançada estava vendo televisão. Na outra escola, onde os professores tinham uma formação modestíssima, formados em faculdades desconhecidas, ninguém fazia pós-graduação, quando eu perguntava para eles se usavam a televisão e que interferência havia, a resposta era imediata. O professor de inglês usava os *shows* de música, os filmes; o professor de educação física utilizava quando tinha algum campeonato, ou algum programa que achasse interessante. E isso me intrigou. O professor com uma formação tão menor não tinha preconceito. Então, no doutorado, resolvi pesquisar as atividades dos professores que utilizavam a televisão no seu trabalho, até como uma tentativa de contribuição para o adequado emprego desta mídia no ensino. Resumidamente, foi mais ou menos assim o despertar do meu interesse pela comunicação, pelos meios de comunicação na educação e na formação de professores.

PROFESSOR-APRENDIZ

RCE: *Qual o papel que, na sociedade contemporânea, a escola tem na educação?*

Heloísa Dupas Penteado: Estamos vivendo um momento de grandes redefinições. O modelo tradicional de escola é alicerçado no modelo informacional de educação: a escola era o emissor do conhecimento; o professor era tido como o emissor, o detentor de conhecimento e o aluno o receptor. Hoje este é um modelo totalmente enviesado, quer dizer, há muito tempo, só que infelizmente ainda ele permanece. A escola é um ponto de encontro de conhecimentos. O corpo docente representa dentro da escola o conhecimento elaborado, da norma culta, da ciência, da arte, da filosofia. Por mais precária que seja a formação do professor, ele deve ter tido um contato com esse tipo de conhecimento. E o corpo discente tem toda a cultura de sua vida, de seu meio social, dos meios de comunicação. O que fica como função para a escola hoje é fazer uma reelaboração dos conhecimentos que estão presentes ali. Ou seja, não penso só no professor com o seu cabedal de conhecimento científico, artístico, filosófico, reelaborando o conheci-

mento do aluno. Mas penso também no conhecimento que o aluno traz para a escola. Pois, o conhecimento do aluno também faz o professor reelaborar a sua relação com o conhecimento científico.

Penso a escola como um cadinho de conhecimentos e, ao mesmo tempo, como um ponto irradiador desse conhecimento que ela elabora, porque ali se produz um conhecimento sobre a vida, e se utiliza o conhecimento elaborado para ressignificar visões, compreensões.

RCE: *Nós poderíamos dizer, então, em síntese, que a escola é muito mais do que uma transmissora de conhecimentos e informações, ela seria um local onde se produz, se elabora conhecimento?*

Heloísa Dupas Penteado: Elabora e reelabora constantemente conhecimentos e penso que ela tem a função e a responsabilidade de irradiar o conhecimento elaborado ali. Não só através dos alunos, mas diretamente para a comunidade, trazendo a comunidade para a escola. Não do jeito que ela faz, através da reunião de pais, para puxar a orelha do pai, que ninguém agüenta, e por isso quase ninguém vai. Mas com a função de esclarecer o pai a respeito de qual é o papel da escola, para adquirir conhecimento sobre os alunos, para colocá-lo a par do que a escola está fazendo, para que ele possa atuar como um colaborador da escola, para que se abra mais um canal

A profa. Heloísa dedicou-se ao ensino em todos os níveis: da alfabetização à pós-graduação

de comunicação. Lembro-me de quando comecei a fazer trabalho em grupo com as crianças, acho que foi uma mãe que me perguntou o que eu tinha feito em tal dia, porque o filho dela não tinha nada no caderno. Percebi que ela tinha razão. A escola tinha um canal de comunicação diário com ela. Ou melhor, o canal de comunicação eram os cadernos dos alunos. Então passei a adotar, sistematicamente, todos os dias, o registro de todas as atividades, mesmo daquelas que prescindiam da escrita. Isso tranqüilizava os pais. Se você se colocar na posição dos pais, entenderá perfeitamente essa cobrança. Mas acho que a escola ainda não tem a preocupação de entender a educação como comunicação, ela passa por cima disso e cria um oponente ao trabalho dela.

RCE: *A tarefa de educar é uma tarefa da escola?*

Heloísa Dupas Penteado: Não só, mas é da escola também. A escola é uma instituição que, historicamente, surgiu em sociedades mais complexas, em que o contato com a família não é suficiente para se apren-

der tudo o que se precisa para viver. Ela surge com a Revolução Francesa. Mas acontece que essa sociedade complexa se alterou muito, e a escola ficou parada naquele primeiro modelo. Haja vista que o meio de comunicação que a escola mais usa é o livro didático. Não tenho nada contra, nunca tive, nem na década de 70 quando muita gente pichava o livro didático. Sempre pensei assim: tem escola que só vai ter como recurso o livro didático.

O livro didático não é bom nem mau em si. Depende do uso que se vá fazer dele. Ele tem que ser usado como um meio.

Ele tem um autor, esse autor tem nome. Nunca na escola, especialmente no ensino fundamental, se destaca essa questão da autoria, de quem é aquele ponto de vista. O livro é utilizado como *bíblia*, a suprema autoridade. Não é o livro e nem o meio de comunicação, que são ruins em si. Pois mesmo um mau livro didático, ou um programa de TV ruim, podem vir a ser ótimos instrumentos de ensino. O professor pode despertar o aluno justamente para a crítica, para uma postura de sujeito, dialogando com aquele texto. A verdade absoluta não existe e nem está ali. Por isso essa concepção de educação como comunicação é importante para a escola. Justamente por ter esta concepção, o professor sabe que não educa sozinho. O aluno não é uma ilha. Ele tem família, tem amigos, tem religião, tem time de futebol, em todos estes lugares ele está aprendendo. Ele gosta de música, ele ouve pagode, tudo isso educa. Então a escola é um dos locais onde a gente se educa.

RCE: *Como a senhora vê a idéia da educação para o trabalho?*

Heloísa Dupas Penteado: Penso que a coisa mais importante é, primeiro, a própria concepção de trabalho. Lembro-me de um dia, eu dava aula numa escola na Vila Mariana, São Paulo, ali havia uma concentração de alunos que viviam nos cortiços, e estava chegando o Dia das Mães. Comecei a perguntar para as crianças a respeito das mães. Perguntei quem tinha mãe que trabalhava e uns poucos meninos levantaram a mão. Perguntei para esses o que a mãe fazia. Em geral elas eram empregadas, ou de escritório, ou domésticas. Para os outros, que a mãe não trabalhava, perguntei como é que as coisas aconteciam na casa deles? Quem fazia a comida, cuidava da roupa etc.? A mãe, respondiam. E aí fomos discutir o conceito de trabalho. Perguntei se eles trabalhavam. Então aqueles que ajudavam os pais levantaram a mão, os outros não. Fui conversando com eles a respeito do que fazíamos na escola. Estávamos brincando na sala de aula? No recreio, em geral, as crianças brincam. E na sala de aula, o que se faz? Portanto, a primeira coisa é enfrentar, mesmo com a criança, o conceito de trabalho. Procurar entendê-lo como uma ação exercida pelos homens para organização da sua própria vida, da vida dos seus semelhantes. E, segundo, começar a observar como é a realização do trabalho na nossa sociedade e em outras. Pensar o conceito de trabalho numa linha antropológica. Isso é muito interessante porque quando você olha só para dentro da sua cultura sua visão fica limitada e, quando os estudantes são mais jovens, eles tendem a achar que é natural, que ter trabalho é ter um patrão. Daí a im-

portância de se discutir tanto a história do trabalho quanto discutir o trabalho nas diferentes sociedades. Isso é muito interessante, para a criança ir se formando como um observador atento, analítico, pensando que o trabalho é feito pelas pessoas e então ele pode ser transformado.

ESCOLA E TECNOLOGIA

RCE: *Como nós podemos relacionar a preocupação pedagógica, didática e o uso da tecnologia?*

Heloísa Dupas Penteado: A preocupação pedagógica implica a visão do sujeito aprendiz e a do sujeito professor. Sujeitos da escola, inseridos em um mundo que não se resume à escola. O professor vem de um grupo social, de uma determinada formação, de uma história de vida, e o mesmo acontece com todos os seus alunos, e com os funcionários da escola. Então deve-se primeiro munir o professor, na sua formação, desta compreensão, da educação como um fenômeno da vida de cada um, e que agora, com os meios de comunicação ganha dimensão universal. Mesmo aqueles que não têm acesso a meios como internet, computador, recebem, através dos que têm, as notícias, os comentários das imagens, a publicidade. A questão da didática diz especificamente respeito à relação professor-aluno, trabalhando com o saber, e é isto que torna a comunicação escolar um processo específico de comunicação. Essa relação professor-aluno se dá em função da relação que essas pessoas têm com o conhecimento, e de como lidar com ele, de tal forma que possa enriquecer, embasar, iluminar, permitir que o sujeito, com o qual se está lidando, reelabore seus pontos de vista, seus valores, compreensão de mundo etc. E assim, pensando sobre isso que falei, a didática é uma parte da pedagogia que não pode ignorar as tecnologias, não podem ser ignoradas, pois elas compõem o nosso mundo. Elas compõem inclusive, o mundo da população que mora na rua, porque as vitrinas têm televisão, existem os *outdoors*, alto-falantes, rádios ligados por aí em toda a parte.

> Ignorar a tecnologia é comprometer a qualidade do ensino. É preciso que o seu manuseio seja inserido na formação inicial do professor.

No entanto, há professores que não percebem este fato. Não estão suficientemente convencidos e preparados para ousar levar o rádio, por exemplo, para a sala de aula, e trabalhar com um texto de rádio, ou um segmento de algum programa de televisão ou com o texto de uma propaganda ou ousar pensar no computador, inclusive isso implica um *know how* mais elaborado. Essas coisas não são espontâneas, não podemos pensar que atitudes importantes como essas aconteçam espontaneamente. Elas têm de ser inseridas na formação inicial do professor. E na formação continuada daqueles que já estão lecionando e não tiveram a oportunidade de trabalhar com todas essas linguagens. É possível, se a universidade assessorar, desenvolver e dar esta segurança ao professor, para que ele possa trabalhar com os meios de comunicação.

RCE: *Por outro lado, será que o professor, com essas novas tecnologias, com as possibilidades que elas trouxeram, deixou de ser importante para a escola?*

Heloísa Dupas Penteado: Não! O professor é extremamente importante. Agora eu mesma estou dedicada a estudar, porque sei muito pouco, as questões de educação a distância. Sempre fui entusiasta dessa possibilidade desde que ela surgiu. Num país como o nosso, com dimensões continentais, isso tem que ser usado, sem dúvida nenhuma. E estou chegando à conclusão, pelos meus estudos que, são muito modestos ainda, de que o que assusta o professor e faz circular uma certa idéia de que ele está sendo descartado, é a idéia de que a educação a distância possibilita que o aluno descubra os seus próprios caminhos de aprendizagem. E isso acaba, não com a autoridade do professor, porque o aluno descobre os caminhos e precisa do professor para alimentar esses caminhos, mas isso acaba com o autoritarismo, ou seja, com o "eu, professor, defino o seu caminho de aprendizagem". Claro, às vezes o professor de educação a distância faz uma proposta e os alunos não aceitam, seguem outra. Mas se ele segue essa outra proposta e isso resulta em aprendizado, qual é o problema? Na verdade, o professor fica temeroso, achando que ele está descartado. Não, o professor não está descartado. Esta idéia existe porque há desconhecimento por parte do professor de como lidar com as mídias no ensino e ele pensa que elas o substituem. Absolutamente, não substituem.

RCE: *Como desenvolver uma pedagogia que atenda às necessidades do aluno e às expectativas do mercado?*

Heloísa Dupas Penteado: Uma coisa em que tenho pensado muito é que nós não trabalhamos quase, na escola, com a questão da mudança, como lidar com ela, como introduzi-la, como lidar com as reações às mudanças, e nos conhecermos em relação a elas.

O mercado de trabalho hoje é um mercado altamente em mutação. Portanto, o sujeito tem de estar preparado para essa flexibilidade. Ter uma formação muito mais humanística, baseada nas Ciências Sociais, na Sociologia, na Antropologia, para entender o significado das coisas que estão acontecendo.

Isso é fundamental e é uma das exigências do trabalho. Muitas coisas podem ser resolvidas numa conexão mais ativa, mais viva entre escola e trabalho. Com os Parâmetros Curriculares Nacionais se tem uma previsão de parceria nessa formação. Muita gente critica os Parâmetros mas acho que eles são um passo adiante. Têm problemas? Têm, como tudo. Mas essa resistência férrea que as pessoas põem é justamente pelo fato de não trabalharmos a questão da mudança. A combinação entre as exigências do trabalho e uma boa formação humana vêm de o sujeito se descobrir sujeito, de se fortalecer este lado das pessoas e, segundo, de procurar

entender as mudanças. Por exemplo, você forma um professor para trabalhar com os meios e ele chega à escola animado e vem um colega e diz: "Ih, você saiu agora da Faculdade, imagina, aqui nada disso é possível!" Precisamos trabalhar com os profissionais no sentido de que eles compreendam que é possível transformar. Nós temos o poder da transformação, claro que institucionalizar a transformação não ajuda muito, mas as instituições são feitas de pessoas, elas não são lugares harmônicos, dentro delas, mesmo das mais conservadoras, há conflito de idéias, e é preciso que nós aprendamos a lidar com os conflitos de uma forma mais serena, positiva. Não acho que seja fácil mas acho que é possível. Quando o professor é mais jovem tem mais garra, mais energia para fazer isso. E se ele dispõe do saber e de formação para poder chegar a um lugar e explorar o que de positivo tem ali, porque sempre se pode aprender, ele crescerá e aquele local estará mais aberto a mudanças.

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO

RCE: *Muito do mundo que nós conhecemos nos chega através da TV. A senhora acha que a televisão está educando as novas gerações?*

Heloísa Dupas Penteado: Acho. Inclusive porque a palavra educar tanto pode ter um sentido positivo quanto negativo. Ela pode educar para a violência, pode educar para a solidariedade, pode educar para o crime, para a droga ou pode educar para uma vivência emancipadora. Porque educar implica abrir caminhos, mostrar caminhos, convencer, discutir.

> A televisão é altamente pedagógica. Vejo a necessidade de uma política de distribuição de canais, com responsabilidade por parte dos que recebem as concessões, responsabilidades educacionais.

A televisão é poderosíssima. Veja você, mesmo sem termos essas políticas que implicam responsabilidades sociais por parte de quem usa a concessão do canal, uma campanhazinha que se faz nas férias, dizendo: "não jogue lixo na praia", permite notar a diferença no comportamento das pessoas. Isso numa campanhazinha que entra e sai, sem grandes compromissos de ficar lidando com isso. A TV educa. A TV tem de ser um órgão sob controle. Esta palavra assusta as pessoas. Mas isso não significa ser a favor da censura. Faço uma distinção entre controle e censura. O controle social é o controle da sociedade sobre a televisão. Advogados, médicos, professores, empresários, secretários, *office-boys*, velhos, adultos, jovens e crianças todos se servem da TV. Então, por que não fazer conselhos em que essas pessoas estejam representadas e expressem as suas idéias a respeito de determinados programas, a respeito do que gostariam de ter na TV, dizendo o que aprendem de bom, o que vêem de mau? Isso é um controle democrático. Isso não tem nada a ver com censura. Censura é quando uma dada instituição se arroga o poder de achar que ela é dona da verdade, que ela sabe o que é bom ou o que é mau na televisão, seja qual for esta instituição,

seja a igreja, uma escola, uma secretaria do governo. Ninguém tem esse poder. Agora a sociedade, representada em seus diferentes segmentos, ela sim poderia fazer um controle que exploraria ao máximo esse potencial pedagógico, educativo, riquíssimo que tem a TV.

RCE: *Sem esse controle, a instituição-empresa concessionária estaria exercendo um poder único sobre o direito de comunicação na TV?*

Heloísa Dupas Penteado: Não acho que único. Veja você: todas as empresas agregam dentro delas pessoas de diferentes procedências sociais, de formação educacional, política etc. Dentro da própria TV existem contradições, existem profissionais comprometidos com as responsabilidades sociais e que buscam as brechas possíveis para exercer esse poder pedagógico de uma maneira positiva, humana, pensando em qualidade social de vida. Isso na própria empresa é vivido de maneira conflitiva. Não sei como os profissionais que trabalham na produção de programas como *Casa dos Artistas*, *Big Brother Brasil* etc., se sentem a respeito, mas tenho certeza de que muitos deles se questionam quanto à qualidade, sobre o que esses programas têm de ruim. A TV encerra muito poder. Em toda sociedade, não adianta querermos ser ingênuos, ela está a serviço do sistema político.

RCE: *Como a senhora entende o campo comunicação-educação?*

Heloísa Dupas Penteado: Para falar a verdade, o que penso está contido neste livro: *Comunicação escolar, uma metodologia de ensino*[1]. Fiz esse livro exatamente com esta intenção. Hoje sou aposentada, tenho vínculo com a pós-graduação, oriento os mestres e doutores. Penso que fui uma pessoa privilegiada na minha carreira, pois tenho uma experiência de trabalho, desde ensinar crianças, até ensinar a mestres e a doutores. Isso é uma coisa rara na carreira de professor. Tive a oportunidade de experimentar na minha pele, ocupando a posição de professor nesses diferentes momentos, vários níveis de dificuldade e desafios, os quais fui enfrentando e utilizando como reflexão para a minha docência. A descoberta da importância de trabalhar com os meios de comunicação na educação é uma descoberta vicária, não aprendi isso em lugar nenhum, aprendi da experiência, depois é que fui estudar mais. Queria deixar registrada essa experiência e se ela servir para outro professor, é uma coisa muito boa. Quando comecei a lecionar existiam uns caderninhos do governo sobre como dar aulas, faça isso, faça aquilo. Eu discordava de muitas coisas que estavam ali, mas aquilo era bom, porque era um referencial, eu podia dialogar com ele, ousar o meu caminho, às vezes não dava certo, ficava meio perigoso, eu voltava.

> Hoje tenho uma experiência acumulada, uma experiência diversificada, que nem todos os professores têm. Então registrei isso nesse livro.

Ele tem um capítulo chave que é teórico e se chama *O agir comunicacional*.

1. Livro editado pela Editora Salesiana (http://www.editorasalesiana.com.br).

Nele defendo a idéia de que o professor transita por várias instâncias decisórias. Desde decidir um planejamento de ensino, quais são os objetivos, que recorte do conteúdo vai trabalhar, como é que vai verificar se os alunos estão aprendendo. Nesses momentos de decisão, no ensino tradicional, está muito claro para todos os professores como é que se faz. Mas, quando se entra com a questão das mídias, isso tudo balança. Como é que o professor vai planejar, vai trabalhar com um trecho de programa de televisão? Ele precisa conhecer os alunos para isso. E isso gera uma insegurança no professor. Como o professor deve fazer? Que objetivo tem o aluno em relação a isso? Qual é a importância e como trabalhar esses novos conteúdos? O professor tem um conhecimento a respeito do desenvolvimento psicológico dos alunos que passam por ele. Isso é uma competência profissional do professor. Mas também ele não pode trabalhar sem saber o que é que o aluno pensa a respeito do tema. O professor também não pode trabalhar sem desafiar o aluno. Uma coisa que aprendi no meu trabalho, ao longo da minha carreira, é que quando o professor abre a possibilidade do diálogo, de dizer que a idéia do aluno é boa e de admitir quando está errado, ele desperta no outro uma disponibilidade para ouvi-lo. Então, neste livro, estudo cada uma dessas instâncias decisórias, planejamento, seleção de objetivos, recorte de conteúdo, formas de trabalho e avaliação. Trato o modelo tradicional, que todo mundo tem claro, como referência e como deveríamos fazer para estar tomando estas decisões num modelo comunicacional de ensino, em que todas as pessoas têm voz, têm direito a se expressar.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

RCE: *As Faculdades de Educação e Pedagogia têm correspondido aos novos desafios que se colocam aos professores que estão se formando?*

Heloísa Dupas Penteado: De maneira nenhuma. A nossa faculdade, por exemplo, falo isso com muito pesar, tinha avançado bastante nessa direção, mas agora anda parada. A professora Mariazinha Fusari tinha criado disciplinas no curso de Pedagogia que tratavam de comunicação e educação; eu trabalhava com isso na licenciatura; outros professores e professoras também eram sensíveis a isso. Desenvolvemos trabalhos juntos, enfim, havia vários professores sensibilizados. Institucionalmente a Profa. Mariazinha tinha criado duas disciplinas que permitiam levar adiante este conhecimento. Ela faleceu, eu e outros professores nos aposentamos e esperávamos que fosse aberto concurso para preencher essas vagas. Mas não, extinguiram as disciplinas. Então temos discutido muito que todos os encontros de comunicação e educação deviam terminar com uma moção para ser encaminhada para o MEC, exigindo que se criassem disciplinas que garantissem ao professor o aprendizado de trabalho com os meios de comunicação no ensino e que se cobrasse da Faculdade de Educação da USP essa atitude. Qual a fundamentação, qual a justificativa para extinguir as disciplinas? Não compreendo o que aconteceu. Acho que tínhamos avançado tanto. O que fica claro, infelizmente, é que esta é uma preocupação pontual. Na verdade, a instituição como um todo não assumiu essa mudança.

Somos alguns professores que lidamos com isso. É um começo, mas acho que não devíamos ter voltado para trás, de jeito nenhum.

RCE: *Principalmente quando o tempo urge.*

Heloísa Dupas Penteado: Pois é. Quantos cursos de formação continuada fazemos para as pessoas que estão na ativa, pois elas estão sentindo falta. No entanto, estamos avançando na formação continuada e na formação inicial não. Destes outros cursos criados por causa das reformas educacionais, as chamadas Escolas Normais Superiores, eu até gosto. Acho que chacoalha um pouco os cursos de Pedagogia. O lamentável, no entanto, é que as boas idéias, na maioria das vezes, na hora de serem implementadas, acabam se esvaziando. Mas este pode ser um curso no qual se coloquem disciplinas relacionadas à comunicação-educação e se possa constatar a importância delas na formação dos professores.

RCE: *Por que a formação de professores continua tão precária? Seria este, a qualidade das faculdades, um dos componentes da má qualidade do ensino no Brasil?*

Heloísa Dupas Penteado: Na verdade os nossos projetos políticos não têm apostado na formação do professor. O professor vem à baila só no momento de campanha eleitoral, muita gente aparece, e professor vira um título bonito. As nossas políticas na verdade não têm valorizado devidamente a função do professor. E isso se reflete nas escolas, na qualidade das escolas públicas, na falta de verbas, não se tem verba para nada. E o que me intriga muito é por que nós professores não conseguimos nos unir, embora sejamos um grupo grande, e conquistar espaço na sociedade, apresentando projetos etc. Fato que tem muito a ver com a direção que a política mundial tomou hoje.

Isso de o mercado poder tudo não deve continuar. Hoje já se vê o esgotamento desse mercado, porque as pessoas não têm capacidade de compra, não têm capacidade de compreensão, não têm capacidade de trabalho. Isso vai acabar emperrando o próprio mercado.

Acredito que daí, dessas dificuldades, é que vai decorrer um despertar para a importância da formação humanística de que falamos no começo. Não encontro outra explicação. Há muitos professores devotados, que não perdem a esperança. Eu, às vezes, perco a esperança, mas quando me colocam diante de uma classe, pronto, aí estou com a corda toda. Gosto desse trabalho, gosto do ser humano. Mas há vários obstáculos no caminho e compreendo os professores que sucumbem, que desanimam, há razões históricas para isso.

RCE: *Quais são os principais desafios para a formação de professores na*

contemporaneidade, à medida que o conhecimento fragmentado e compartimentado em disciplinas é cada vez mais questionado?

Heloísa Dupas Penteado: Há essa questão da guerra às disciplinas. Sou por um estudo disciplinar. Entendo por disciplinas campos de conhecimento. Nossa possibilidade de abordagem da realidade é múltipla, infinita e seletiva.

Cada um de nós não dá conta senão de um pequeno espaço, de se dedicar a estudar determinado aspecto.

O problema não é a disciplina mas é, de novo, a forma como se trabalham essas disciplinas. Para que serve a disciplina? Ela deveria servir, a rigor, para que o sujeito que está na escola compreenda melhor a vida, os valores, os relacionamentos humanos, os relacionamentos de trabalho, o significado das religiões, enfim, tudo o que nos cerca é importante para o ser humano. No entanto, essa forma organizada de maneira fragmentada levou a uma visão errada de que o professor tem que dar conta de compreender o mundo a partir do pedaço da disciplina que ele ensina. Quando um professor tem uma visão mais avançada e quer trabalhar em conjunto com outro, ele encontra muitas barreiras institucionais na forma de organização da escola. Mas o professor que quer mesmo, acaba conseguindo, muitos professores conseguem. Mas a instituição deveria assumir isso. Quando surgiu a idéia de as escolas fazerem os seus projetos pedagógicos, esse foi um passo interessantíssimo, porque o diretor teve que sentar com seus professores e conversar. "Quais os problemas que vocês encontram? Como é que podemos lidar com eles? Como cada disciplina pode contribuir para a resolução das questões dessa população que está aqui?" Mas ouvi relatos de muitos diretores dizendo que os professores tinham sido formados para cumprir um programa e não para elaborar uma proposta. E não seria de um dia para o outro, não na primeira reunião, que se conseguiria um projeto de escola. Mas o caminho é realmente trabalhar projetos com esses professores. Há professores que polarizam, que atraem. O projeto da escola vai surgir quando houver professores já familiarizados com esse tipo de trabalho, ou usando esses caminhos. Mas, não pode funcionar como uma camisa de força. Se um ou outro professor não quer participar, não tem importância, ele não está convencido disso, então a única coisa que ele tem de fazer é o seu próprio projeto. Que não se tenha preconceito nenhum com o projeto dele, que os dois projetos, ou três ou quatro, se encontrem nas reuniões pedagógicas e, de repente, possamos aprender muito com o professor que é resistente. O fato de estarmos fazendo um projeto interdisciplinar não significa que o projeto será perfeito, pode ser um projeto ruim. E pode haver um professor que está enxergando isso. Deveríamos ter essa mentalidade voltada para a elaboração de projetos, a qual reunisse pessoas, mas não excluísse. Aquele que não quer não será excluído, ignorado. Ele será aquela outra voz, e também tem direito de ser ouvida. Acre-

dito que o caminho seja esse. Na história, tudo o que foi feito à força só triunfou porque se cortou a cabeça dos que pensavam o contrário. O caminho que estamos defendendo é o da discussão, da convivência das diferenças. Passa por aí, por essa experiência com projetos. Tem muito professor com garra, querendo fazer e fazendo isso.

RCE: *Você acha que esse seria um caminho ideal para a escola do futuro, dos tempos vindouros?*

Heloísa Dupas Penteado: Tenho a impressão de que vamos caminhar para isso, devido às necessidades da vida social que está cada vez mais complexa. Então quando temos grandes problemas, temos que começar a pedir ajuda.

Resumo: Em entrevista a *Comunicação & Educação* a Professora Livre-Docente Heloísa Dupas Penteado, da Faculdade de Educação da USP, fala de suas experiências e expectativas com relação à Educação. Socióloga, educadora, especialista em didática do ensino, primeiro, ministrou aulas para crianças e jovens na rede de ensino do Estado de São Paulo; depois, dedicou-se à pesquisa e à formação de professores. Foi uma das pioneiras a introduzir as linguagens e as temáticas dos meios de comunicação na sala de aula, bem como a pesquisar sobre sua influência em jovens estudantes. Autora entre outros de *Comunicação escolar, uma metodologia de ensino*, falou sobre a importância de os cursos de formação de professores abrirem-se à complexidade da comunicação na sociedade contemporânea, entre outros temas.

Palavras-chave: Heloísa Dupas Penteado, didática, pedagogia, formação de professores, comunicação, educação, mídia

(An open mind for education)

Abstract: In an interview given to *Comunicação & Educação* Professor Heloísa Dupas Penteado, post-doctor of USP's College of Education, talks about her experiences and expectations regarding Education. A sociologist, educator, specialist in teaching didactics, she taught children and young people in the State of São Paulo's public school education system. She then dedicated herself to research and to training teachers and was one of the pioneers in introducing the means of mass communication languages and themes in the classroom and in researching its influence on young students. Author, among others, of *Comunicação escolar, uma metodologia de ensino*, she talked about the importance of teacher-training courses being open to the complexity of communication in the contemporaneous society and on other themes.

Key words: Heloísa Dupas Penteado, didactics, pedagogy, training teachers, communication, education, media